

AVALIAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: PARADOXOS E DESAFIOS

*EVALUATION IN HIGHER EDUCATION: PARADOXES AND CHALLENGES*CARLOS GALOCHA¹*carloswingchun@gmail.com*SIMONE SICORA POLETO²*simonepoletto@yahoo.com.br*MANUEL TAVARES³*tavares.lusofona@gmail.com*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a aplicação da avaliação no ensino superior. Para isso, se utilizou o estudo bibliográfico com ênfase na literatura cinzenta. Foram analisadas concepções e conceitos como os tipos de avaliação, diferença entre avaliar e medir, conceito de qualitativo e quantitativo e a relação desses assuntos com a avaliação no ensino superior, para um melhor entendimento e conclusão do autor. A avaliação é um tema que na maioria das vezes, causa uma polêmica muito grande, pelas formas e objetivos que levam à sua aplicação. Considera-se como um assunto de grande importância a aplicação de uma avaliação, seja ela em forma de teste, dissertação ou seminário, sempre em etapas como início, durante e após um período de ensino-aprendizagem do universitário. Pode-se utilizar até como instrumento para mensuração da conduta de uma pessoa no decorrer de um curso superior. O processo de avaliação pode alcançar tanto o aluno como também o professor, justamente por ser uma ferramenta para identificar problemas, progressos e pontos a serem trabalhados durante o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Avaliação • Educação • Ensino Superior.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the application of evaluation in higher education. For this, we used the bibliographic study with emphasis in the gray literature. Conceptions and concepts such as the types of evaluation, the difference between the evaluation and measurement, the quali-

1 Graduado e Bacharel em Educação Física pela Faculdade do Clube Náutico Mogiano em Mogi das Cruzes/SP. Pós-Graduado em Metodologia de Ensino na Educação Superior, pela FACINTER. Mestrando em Educação pela Universidade Nove de Julho, Linha de Pesquisa Educação Popular e Culturas.

2 Profa. Ms. Docente no Curso de Pós-Graduação: Metodologia de Ensino na Educação Superior, da FACINTER

3 Doutor em Filosofia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho - PPGE

tative and quantitative concepts, and the relationship between these subjects and the evaluation in higher education were analyzed for a better understanding and conclusion of the author. Evaluation is a topic that, in most cases, causes a great controversy, by the forms and objectives that lead to its application. It's considered as a matter of great importance, the application of an evaluation, be it in the form of test, dissertation or seminar, always in stages as at the beginning, during and after a period of teaching- learning of the university. It can even be used as an instrument for measuring a person's conduct during a course of higher education. The evaluation process can reach both the student and the teacher, precisely because it's a tool to identify problems, progress and points to be worked out during the teaching-learning process.

Key words: Evaluation • Education • Higher education.

INTRODUÇÃO

A avaliação é um tema que, na maioria das vezes, causa uma polêmica muito grande no contexto acadêmico, pelas formas e objetivos que levam à sua aplicação. Considera-se como um assunto de grande importância a aplicação de uma avaliação, seja ela em forma de teste, dissertativa, seminário ou até mesmo como instrumento para mensuração da conduta de uma pessoa, como é explicado psicologicamente. Essa avaliação busca o aluno e também o professor, justamente por ser uma ferramenta para identificar problemas, progressos e pontos a serem trabalhados durante o processo ensino-aprendizagem.

Neste artigo, pretende-se abordar assuntos e concepções da avaliação: a diferença entre avaliar e medir, avaliação qualitativa e quantitativa; conseqüentemente, delimitar se as formas de avaliação nas Instituições do Ensino Superior nos dias de hoje buscam uma metodologia tradicional ou tecnicista.

Escolhemos esse tema por observarmos que, em alguns casos, o aluno do ensino superior, quando submetido a uma avaliação, não concorda com a forma de utilização dessa ferramenta e, por vezes, chega a impetrar um recurso para impugnar os resultados, tomando como embasamento para seu recurso a conduta do professor. Nesse caso, está presente a sensação de que o assunto não tem o cunho de realmente avaliar, aferir um conhecimento adquirido pela dinâmica das aulas, pelas quais são passados os conhecimentos, mas sim de se colocar à frente do real motivo da avaliação, problemas de ordem pessoal.

Para os acadêmicos justifica-se, pois o trabalho vai delimitar alguns tópicos e conceitos atuais, uma vez que o assunto não se encerrará com ele. É viável, inclusive, um trabalho mais aprofundado, buscando resultados em pesquisas de campo, envolvendo o aluno do ensino superior e o tema aqui tratado.

Sendo assim, o objetivo geral do trabalho é analisar as diferentes concepções sobre a avaliação, tendo como objetivos específicos Identificar qual a melhor forma de aplicação de uma avaliação no ensino superior e verificar se os autores estão de acordo ou se divergem quanto ao tema.

DESENVOLVIMENTO

Para melhor entendimento do assunto, objeto do estudo, se faz necessário que sejam analisadas as diversas formas onde está explícita ou não a avaliação, que, por vezes, diante de

uma simples atribuição de nota, se torna complexa.

Nesse limiar, é preciso buscar um entendimento real do que é avaliar, como avaliar, quando e onde avaliar um aluno do ensino superior, considerando o fato de que, em muitos casos, o aluno universitário traz consigo uma vivência no campo ou área em que deseja atuar.

Para subsidiar a atuação do aluno como futuro professor, ou apenas para que ele seja um profissional liberal, como é o caso do advogado, farmacêutico, médico, enfim, o professor, no ensino superior, deve ter a percepção através da avaliação.

Diagnosticar o aprendizado desse aluno e se sua metodologia para transmitir os conhecimentos está levando a ambos ao objetivo que é a construção de novos conhecimentos.

Segundo Barbosa (2008), a avaliação é um instrumento que não deve servir apenas para atribuição de notas ou certificados, mas sim para uma orientação, através de um trabalho conjunto entre o professor e o aluno, para que se possa obter um acompanhamento integral no processo ensino-aprendizagem.

Segundo a autora, os resultados obtidos são confrontados com os objetivos propostos e, assim, pode-se saber quais foram os progressos e, ainda, fazendo-se uso dessa ferramenta, identificam-se as dificuldades, dando-se a oportunidade para uma organização dos trabalhos realizados pelo docente.

Segundo Melo e Urbanetz (2008), a avaliação não deve ser desconexa do todo, o aluno deve ser avaliado levando-se em conta seus conhecimentos, a capacidade de criar e buscar o novo.

Os mesmos autores afirmam que a avaliação deve ser criteriosa e com coerência entre o ensinado e o que está sendo solicitado na avaliação, para não se criar a sensação de que o ato de avaliar é uma punição.

Suhr (2008) concorda e nos informa que a avaliação está diretamente relacionada aos objetivos a que se propõe, ou ainda, quando existe a necessidade da tomada de uma decisão, a avaliação se faz sempre presente e necessária.

Zeferino e Passeri (2007) não só concordam com que a avaliação está relacionada ao planejamento e execução das atividades docentes, tendo como foco o objetivo a ser alcançado, como também relacionam a avaliação ao ato da aprendizagem.

Aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser, são três formas de aprendizagem e, para tal, é preciso que o professor, como mediador na construção de conhecimentos, elabore de um jeito planejado instrumentos para coleta de dados e, com os resultados, possa trabalhar em cada forma de aprendizagem.

Darsie (1996) menciona a avaliação e a aprendizagem interagindo no contexto educacional, ou seja, a avaliação é o ato educacional para impulsionar a aprendizagem, é a reflexão da ação educativa visando modificações.

Melo e Urbanetz (2008) citam que, nesse campo, a avaliação no contexto educativo, não pode deixar de levar em conta que ela será sempre um momento importante e decisivo para o aluno.

Esse processo deve ser permanente considerando a especificidade, devendo abranger no processo avaliativo não só o aluno, mas também o professor e o contexto.

Para o aluno, a avaliação deve alcançar seus conhecimentos e saberes no início do processo e deliberar como ele chegou ao fim desse processo. O que ele assimilou em conhecimento e amadurecimento no processo ensino aprendizagem.

Para o professor, resta saber se a metodologia utilizada para transmissão do conhecimento e/ou aprimoramento deste foi estabelecida através de um vínculo com o processo realizado.

Nessa perspectiva, Chueri (2008) acrescenta que, ao se trabalhar com avaliação como parte de um todo no processo cognitivo, é preciso manter-se fiel aos preceitos epistemológicos, ou seja, aos procedimentos, instrumentos e técnicas de produção/construção do conhecimento.

No contexto e até de uma forma geral, a avaliação precisa verificar se as condições para a aquisição do conhecimento ocorrem de forma consistente, ou seja, é necessário verificar se o aluno mantém uma frequência às aulas e se ele vai se adaptar à metodologia aplicada pelo educador, dando prosseguimento ao processo a que é submetido.

A avaliação, segundo as autoras, deve ultrapassar o seu objetivo-fim, ou seja, deverá ser não só um instrumento para medir, verificar, qualificar o conteúdo transmitido, mas também um instrumento de aprendizagem, de progresso e de consciência crítica para que a avaliação seja realmente eficiente.

Luckesi (2002) nos diz que o professor deve fazer distinção entre avaliar e examinar, uma vez que o primeiro tem um caráter diagnóstico e examinar é classificatório; sendo assim, o classificatório não trabalha com o objetivo de se construir um bom resultado acerca do que se está avaliando dentro de um determinado processo, mas tem uma dimensão punitiva. O mesmo autor define a avaliação como peça fundamental para o professor diagnosticar onde estão os problemas e, com isso, reorientá-lo na busca pelo melhor resultado.

Frias e Takahashi (2002) acrescentam que, nesse processo diagnóstico por parte do professor, o educando também tem que dar sua contribuição percebendo, por meio da avaliação, seu progresso, tornando-se o processo totalmente inoperante se o aluno não entender que a avaliação constitui uma fase importante do processo de aprendizagem.

Segundo os mesmos autores, de nada vai adiantar o professor detectar as dificuldades de um educando se ele não perceber que faz parte integrante do processo. Só atuando juntos, discutindo os erros e acertos, pode-se encontrar um caminho para progredir no aprendizado.

AVALIAÇÃO

Pensando em uma ferramenta multidirecional para o professor do ensino superior diagnosticar uma experiência do educando e, nessa linha, poder trabalhar uma melhor forma de avaliar

o aluno universitário, nos reportamos a alguns autores e suas concepções sobre o tema.

Kraemer (2007) classifica a avaliação como uma das mais importantes fases do ensino-aprendizagem e, sendo assim, a autora nos diz que é preciso deixar para trás a concepção retrógrada, pautada em um sistema desclassificatório proposto pela pedagogia do passado.

Segundo a autora, a avaliação deve alcançar o estado e a capacidade reflexiva do educando, incentivando a crítica e a criatividade do educando, futuro profissional que irá atuar, em muitos casos, de forma individual e, sendo assim, deve-se buscar a qualidade do aprendizado para que esse cidadão tenha consciência de como é a sua realidade.

Oliveira, Aparecida e Souza (2008) concordam quanto à preciosidade do tema e acrescentam que, em meio a muitos assuntos polêmicos ligados à avaliação, o real significado desse instrumento é deixado de lado.

Segundo Santos e Varela (2007), o professor, durante o processo de ensino/aprendizagem, tem o dever de usar diferentes instrumentos para avaliar seu aluno e, assim, fazer um diagnóstico, não só no final desse processo, mas também ao longo e no final do processo educativo com essas ferramentas de avaliação, visando um resultado e, a partir dele, a progressão do aluno.

De acordo com Zeferino e Passeri (2007) existem três tipos ou formas de avaliação, a saber: avaliação diagnóstica, somativa e formativa. A avaliação diagnóstica tem a pretensão de identificar como está o aluno no início do curso, se ele se enquadra no nível de conhecimentos proposto para uma determinada etapa do ensino e assim monitorá-lo.

A avaliação somativa, de acordo com as mesmas autoras, vai contemplar se o educando está acompanhando o processo em busca do objetivo, e esta vai ser realizada durante o processo de ensino, tem o objetivo de dar subsídios ao professor para que possa melhor auxiliar esse aluno na construção do conhecimento.

Essa avaliação pode ser feita por intermédio da aplicação de provas, com testes ou questões dissertativas. Assim, pode obter uma resposta ao aprendizado mais imediata, mas serve, apenas e tão só, para verificar como estão os conhecimentos do aluno (ZEFERINO; PASSERI 2007).

A avaliação deve ser criteriosa e os avaliados precisam entender os critérios, para que não haja dúvidas quanto aos resultados que se pretende obter e, assim, saibam como se chegou a essa ou àquela nota (SUHR, 2008).

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

No ensino superior, muitos são os autores que discutem o tema e apontam a avaliação diagnóstica como a principal e de maior importância, uma vez que, acima de tudo, a avaliação diagnóstica não é exclusiva e classificatória, mas sim inclusiva e, como o nome diz, tem o objetivo de diagnosticar as dificuldades e ou nível de conhecimento do educando.

Segundo Fernandes (2010), a avaliação diagnóstica, em sua concepção, é parte do

processo geral de avaliação. Aproveita-se para dizer que a autora tem esse tipo de avaliação como uma das três dimensões do processo avaliativo e traduz uma determinada realidade, em forma de aprendizagem. Avalia-se o potencial do educando e não o educando propriamente dito. Santos e Varela (2007), por sua vez, consideram a avaliação diagnóstica como uma terceira opção do processo avaliativo, contudo nos deixam claro que é nessa forma de avaliação que se identifica o nível de conhecimento do aluno, o que ele aprendeu e de que forma se deu esse aprendizado.

Uma vez encontradas as dificuldades, professor e aluno elaboram, juntos, um plano de ação inicial, uma vez que, segundo as autoras, essa avaliação, apesar de estar como terceira forma em sua concepção, é feita no início de cada bloco de estudo. Barbosa (2010) entende que, na avaliação diagnóstica, deve-se observar atentamente como o aluno se comporta e o que ele produz de forma continuada, visando alcançar a progressão do aluno, enfatizando esse progresso de acordo com a sua realidade.

Nota-se que as autoras não se abstêm da continuidade no processo, se restringindo apenas ao contexto geral da avaliação. No ato de diagnosticar, elas contemplan a continuidade com o propósito de um acompanhamento, levando o aluno ao mais próximo possível do objetivo proposto.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

Segundo Santos (2006) a avaliação formativa é realizada durante o transcorrer de um curso e serve para que o aluno reveja, junto com o professor, como está caminhando o ensino-aprendizagem.

Vislumram-se os erros e acertos para que, a partir deles, possa se reestruturar o ensino em direção ao objetivo a ser alcançado. O mesmo autor atribui a importância, nessa fase avaliativa, ao estímulo ao qual o aluno pode ser submetido, uma vez que ele próprio pode se autoavaliar, constatar se está progredindo, podendo haver uma aprovação ou não no processo ensino-aprendizagem.

Fernandes (2010) refere que na sua concepção de avaliação, vista como uma dimensão formativa, a avaliação vai propor ao educando uma reestruturação, se preciso for, por meio de um redirecionamento no processo de aprendizagem. O autor relaciona como indissociáveis o ensinar e o aprender, afirmando que, dessa forma, e até pela razão de ser da avaliação formativa, todo o processo é contínuo estando presente o professor como mediador, compartilhando a identificação das dificuldades, dos erros e acertos, ajudando nesse redirecionamento.

Para Kraemer (2007), esse tipo de avaliação permite ao avaliado saber até onde chegou em relação ao objetivo estipulado, onde ele está no processo de ensino-aprendizagem e concorda que, nessa avaliação, é possível identificar as dificuldades e os problemas, bem como vislumbrar as soluções e os caminhos a serem seguidos.

AVALIAÇÃO SOMATIVA

Para Santos (2006), Zeferino e Passeri (2007) e Fernandes (2010), a avaliação somativa é

aquela realizada no final de um curso ou processo geral avaliativo. Todos os autores estão de acordo que esse tipo de avaliação exerce uma função classificatória do avaliando e, de acordo com os resultados obtidos, coloca o aluno em um determinado patamar. Se ele atingiu os objetivos propostos terá uma boa classificação, caso contrário dependerá do nível adquirido para seguir em sua formação. Zeferino e Passeri (2007) afirmam, de forma mais contundente, que a avaliação somativa se dá para identificar se o aluno alcançou os objetivos, ou se, no mínimo, com seus resultados, vai ter os pré-requisitos para sua formação; e é por isso que ela se torna classificatória e fora da realidade inclusiva. Contudo, os autores aceitam passivamente a condição de seleção, de selecionado para que as próximas etapas não sejam comprometidas. Em muitos casos, pela dura realidade de não se obter um resultado favorável, a avaliação somativa soa até como uma punição, mas é um mal necessário.

Oliveira (2002) aponta certa contradição cujo objetivo declina para dois caminhos distintos. Em uma linha de concepção unidimensional, a avaliação deve ser única, portanto somente somativa.

Com um teste aplicado somente no fim do processo de ensino-aprendizagem, pode-se apresentar uma visão autoritária, mas obrigando o educando a um empenho maior, tendo em vista a submissão a apenas uma avaliação. Essa avaliação é estritamente classificatória para o aluno, porém, com isso o avaliador faria apenas uma verificação quantitativa do conteúdo transmitido.

Em outra linha, os autores contemplam uma avaliação que realmente irá transformar o educando, que irá realmente ampliar seus conhecimentos e incentivá-lo a uma condição crítica de construção de suas respostas, uma vez que, nessa linha de concepção, o aluno é preparado para tal. A avaliação não se restringe a um único teste, mas a um processo avaliativo, contando com a avaliação diagnóstica, formativa e, por fim, a somativa.

Dessa forma o aluno irá angariar condições para sua tomada de decisão, pelo fato de que, no final do percurso cognitivo, irá ver, com mais clareza, sua posição, não necessitando da classificação a que a avaliação somativa o expõe.

Álvares (2009) descreve a sua experiência admitindo a existência de apenas duas das três avaliações referidas até aqui. Segundo o autor, que é professor em medicina, a avaliação deveria ser dividida em apenas duas dimensões e, no caso, as duas últimas enunciadas: Formativa e Somativa. O mesmo autor considera que a avaliação somativa vai mostrar ao educador, através de provas escritas, estudos de caso e variados testes com múltipla escolha, que o educando realmente aprendeu em seu processo de ensino-aprendizagem.

AVALIAÇÃO COMO MEDIÇÃO

Muitos professores confundem e acabam por utilizar medir e avaliar para o mesmo contexto, ou seja, entendem que avaliar é medir o desempenho do aluno, acerca dos conhecimentos adquiridos. É oportuno tratar do assunto e estabelecer uma diferença para um e outro e ver onde cada um está no contexto do ensino-aprendizagem (CHUERI, 2008). A autora cita Gatti (2003), que deixa explícita a diferença entre um e outro termo. Medir, segundo a autora,

é atribuir valores de acordo com uma escala, teste ou instrumento calibrado e o que se tem como resultado são apenas dados que precisam ser processados. Quando se relacionam as medidas com o que está sendo analisado, constrói-se uma avaliação.

Segundo Santos e Varela (2007) medir está relacionado com a avaliação somativa, com o caráter classificatório, sob a determinação de que o avaliado poderá ser aprovado ou reprovado.

De acordo com os autores, medir significa deliberar uma quantidade, uma dimensão ou grau de algo, motivos pelos quais a avaliação somativa se apresenta como instrumento quantitativo da avaliação.

AVALIAÇÃO QUALITATIVA E QUANTITATIVA

Segundo Chueri (2008), a avaliação qualitativa propõe um modelo metodológico flexível de se avaliar, permitindo uma evolução natural do educando por meio de buscas e descobertas do novo. A modalidade qualitativa surgiu da necessidade de uma mudança nas metodologias existentes. Demo (2004) afirma que a avaliação qualitativa, no contexto educacional, pretende deixar para trás a avaliação quantitativa sem, contudo, a eliminar. O autor afirma que é mais fácil trabalhar com ela, uma vez que qualificar não é enumerar e atribuir números. Chaves (2003) concorda e afirma que existe a necessidade de que ocorra no sistema de avaliação uma interação entre o qualitativo e o quantitativo, dado que o professor, ao avaliar, pode coletar, analisar (qualitativo) e sintetizar os resultados (quantitativo) de forma objetiva, levando em conta o desenvolvimento cognitivo e afetivo do educando.

METODOLOGIA

Antes de tudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que compreendeu os anos entre 1990-2012, vislumbrando-se os conhecimentos de pesquisas e resultados levantados em Teses de Doutorado, Artigos de Revistas Científicas sobre o tema, Dissertações de Mestrado e trabalhos apresentados em Congressos de Educação, que pudessem fornecer aos autores subsídios para aquisição de conhecimentos acerca da temática pré-definida.

Para atingir os objetivos do trabalho, no estudo bibliográfico, deu-se sempre prioridade à leitura da literatura denominada cinzenta. Os estudos foram feitos a partir da relação com o tema e procurou-se não comparar, mas sim promover uma interação entre os estudos realizados pelos autores citados e apresentar, de modo sintético, os resultados desses estudos sobre a complexa problemática da avaliação.

O material para a relevância do estudo foi identificado, através de pesquisas na internet, em sites de publicação de trabalhos científicos como Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódicos CAPES, sendo selecionados e separados para leitura de acordo com a categoria avaliação e as respectivas subcategorias: avaliação formativa, diagnóstica e somativa. Utilizou-se, ainda, a leitura de livros postados virtualmente no site Google Livros e a leitura de livros físicos do acervo da biblioteca do Polo Presencial da Facinter em Mogi das Cruzes/SP, além de leitura de livros na biblioteca virtual no site do Grupo Educacional UNINTER (Único).

Cada documento foi lido na íntegra, sendo o assunto e conclusões pertinentes ao tema

separados pela contribuição para o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação, conforme citado anteriormente, é realmente um tema complexo que demanda muitos estudos e, sobretudo, a realização de pesquisas de campo. No trabalho ora exposto, analisaram-se os posicionamentos de autores estudiosos sobre a avaliação da aprendizagem, procurando-se coletar um conjunto de informações e de conhecimentos sobre a temática.

Não restam dúvidas, principalmente no ensino superior, de que o ato de avaliar quase sempre gera uma polêmica justamente porque, nesse ato, não se levam em conta preceitos básicos para a aplicação da avaliação. Está provada pelo vasto número de artigos e trabalhos na área da educação a complexidade que o tema apresenta, sendo que, na sua maioria, os assuntos não se encerram e geram sempre outros temas ligados à avaliação. Ficou também claro que, apesar do entendimento de o processo de avaliação ser global e envolver diversas dimensões, a avaliação das aprendizagens dos alunos ainda se circunscreve, majoritariamente a uma avaliação classificatória, um momento de penalização do aluno sem ter em consideração que o processo de aprendizagem é indissociável do ensino e que, por esse motivo, implica a adoção de outros processos de avaliação que contribuam para o progresso da aprendizagem do educando. Quando o aluno é classificado, é o próprio professor que, por consequência, é avaliado quantitativamente.

Observou-se que, quando se trata de avaliação no ensino superior, a corrente predominante tende ao tecnicismo, pelo fato de que, nessa fase de aquisição de conhecimentos nas universidades, o educando já aprendeu e desenvolveu suas habilidades e competências e, realmente, busca-se um aprimoramento do cognitivo, visando, conseqüentemente, a qualificação e formação de profissionais.

É importante aprofundar e ampliar os estudos sobre avaliação no ensino superior, promover pesquisas empíricas tendo em vista a alteração das práticas avaliativas. Importa, também, promover ações de formação continuada para professores do ensino superior de modo que adquiram conhecimentos e competências no âmbito pedagógico e didático. A avaliação, tal como vem sendo aplicada, tem um caráter essencialmente punitivo e excludente.

Suhr (2008) propõe uma diversificação das formas de avaliação no ensino superior, estimulando a iniciação científica, com produção de textos, pesquisas e a elaboração de trabalhos com base nos conteúdos propostos pelas pesquisas. O autor não descarta a aplicação de provas, porém, é preciso existir coerência entre o que foi ensinado e o que está sendo cobrado na avaliação.

Vale ressaltar que todo o processo avaliativo é de muita importância para o sistema de ensino, deverá ter uma função pedagógica no sentido de identificar as dificuldades e os problemas de aprendizagem dos alunos. A avaliação diagnóstica é importante, mas depende das demais para completar o sistema avaliativo. Por si só, não contribui para preparar o educando profissionalmente, tecnicamente e com visões críticas. Aprendendo como construir conhecimento através da pesquisa, o aluno poderá se destacar em qualquer assunto, contudo é necessário

que passe, sim, por uma avaliação no início do curso, que seja acompanhado e avaliado no decorrer desse aprendizado e que, por fim, seja submetido a uma avaliação final, completando o ciclo avaliativo: diagnóstica, formativa e somativa. Estão de acordo Oliveira, Aparecida e Souza (2008) quando, motivadas em seus estudos, conheceram mais de perto essa problemática e viram o quanto é importante o papel da avaliação em um contexto epistemológico de construção de conhecimento. Finalmente, consideramos que a temática da avaliação deverá ser objeto de estudo pela comunidade acadêmica, constituir tema de projetos de pesquisa cujos resultados poderão influenciar as políticas públicas nesse domínio e a prática pedagógica dos professores.

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, W. Avaliação Externa e Auto-Avaliação: Processos integrados e modelos pedagógicos na prática acadêmica. In: XVII Seminário de Atualização de Práticas Docentes. Anápolis, 2009. Anais Centro Universitário de Anápolis. p. 67 e 68.

BARBOSA, J. R. A. A Avaliação da Aprendizagem como Processo Interativo: Um Desafio para o Educador. Instituto Superior de Educação da Zona Oeste – Faetec, Rio de Janeiro. Democratizar, v.II, n. 1. 2008.

BARBOSA, Z M.P. Avaliação: uma prática diagnóstica e contínua. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/avaliacao-uma-pratica-diagnostica-e-continua-2944467.html>. 2010. Acesso em 20 de fevereiro de 2012.

CHAVES, S. M. A avaliação no Ensino Superior: realidade, complexidade e possibilidades. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo FEUSP – 2003 (Tese de Doutorado).

CHUERI, M. S. F. Concepções sobre a Avaliação Escolar. Estudos em Avaliação Educacional, v. v. 19, p. 56-61, 2008.

DARSIE, M. P. Avaliação e Aprendizagem. Cadernos de Pesquisa. n. 99, São Paulo. 1996.

DEMO, P. Teoria e prática da avaliação qualitativa. Temas do 2º

CONGRESSO Internacional sobre Avaliação na Educação. Curitiba, Paraná, 2004. p.156-166.

FERNANDES, C. Dimensões da Avaliação. Concepções e finalidades da avaliação em educação. Avaliação: Um Tema Polêmico. Um Salto para o Futuro, Boletim 18, 2010 TV Escola.

FRIAS, M. A. E; TAKAHASHI, R. T. Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem: seu significado para o aluno no ensino médio de enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 36(2): 156-63. São Paulo, 2002.

KRAEMER, M. E. P. A avaliação da aprendizagem como processo construtivo de um novo fazer. **Revista Internacional D'Humanitats 13**. Feusp. Universidade Autônoma de Barcelona. 2007.

LUCKESI, C. C. Avaliação da Aprendizagem na Escola e a Questão das Representações Sociais. **Eccos Revista Científica**, vol. 4, fac. 02, Universidade Nove de Julho, São Paulo, pág. 79 a 88. 2002.

MELO, A.; URBANETZ, T. S. **Fundamentos da Didática**:Curitiba: Ibpex, 2008.

OLIVEIRA, G. P. Avaliação formativa nos cursos superiores: verificações qualitativas no processo de ensino-aprendizagem e a autonomia dos educandos. **Revista Iberoamericana de Educación** (Online), Espanha, v. 1, 2002.

OLIVEIRA, A.; APARECIDA, C. e SOUZA, G. M. R. A avaliação: conceitos em diferentes olhares, uma experiência vivenciada no curso de pedagogia. Formação de Professores. *In: VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Edição Internacional*. PUC PR 2008. Anais Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

SANTOS, J. F. S. Avaliação no Ensino a Distância. **Revista Iberoamericana de Educación Principal** (Online), Madrid, v. 38, n. 4, 2006.

SANTOS, M. R.; VARELA, S. A Avaliação como um Instrumento Diagnóstico da Construção do Conhecimento nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Eletrônica de Educação**. Ano I, No. 01, Paraná. 2007.

SUHR, I. R. F. **Processo Avaliativo no Ensino Superior**: Curitiba: Ibpex, 2008.

ZEFERINO, A. M. B.; PASSERI, S. M. R. C. **Avaliação da aprendizagem do estudante**, **Cadernos ABEM**, Vol. 3 Rio de Janeiro/RJ 2007.

Recebido em 07/02/2017

Aprovado em 30/05/2017